

APONTAMENTOS SOBRE A COMPOSIÇÃO DAS PERSONAGENS EM CASA NA DUNA, DE CARLOS DE OLIVEIRA

Alana Francisca da Silva Hoffmann¹

Resumo: Em meados da década de 1930, Portugal encontra-se já sob o regime do Estado Novo, período conturbado em que desponta e se desenvolve o Neorrealismo português, movimento literário influenciado por certas concepções marxistas e pela ficção norteamericana e brasileira da década de 30. No quadro literário do movimento, é possível distinguir “obras e autores de feição claramente militante, de obras e autores em que é mais nítida uma certa preocupação com a qualidade do discurso literário” (REIS, 2005, p. 17). Carlos de Oliveira ocupa um lugar central nesse segundo grupo, entre os autores cuja obra reflete uma preocupação estética. A temática neorrealista da decadência de uma pequena burguesia é evidente em seu primeiro romance, *Casa na Duna* (1943), que acompanha as últimas gerações dos Paulos, família da burguesia gandraesa, proprietária de uma quinta na aldeia de Corrocovo. Tendo em vista que sobressaem, na obra, a densidade psicológica das personagens e sua capacidade de transformação ao longo da narrativa, este trabalho busca, por meio da análise da composição das personagens, entender a relação entre a ruína da família Paulo e a de sua propriedade.

Palavras-chave: Carlos de Oliveira. *Casa na Duna*. Personagem.

¹ Mestranda em Letras - Estudos Literários (PPGL/UFSM).

O JOGO AUTOFICCIONAL EM *A CHAVE DE CASA*, DE TATIANA SALEM LEVY: UMA NARRATIVA POLIFÔNICA

Andrea Czarnobay Perrot²

Resumo: A autoficção vem se destacando na literatura brasileira contemporânea desde o início do século XXI. Cunhada como termo pertencente ao vocabulário da crítica literária pela primeira vez em 1977, pelo autor francês Serge Doubrovsky, alcançou o estatuto de gênero literário logo a seguir, passando a denominar obras escritas inclusive em séculos anteriores ao XX; afirma-se que Jean-Jacques Rousseau inaugurou este tipo de escrita pessoal com suas *Confissões* (1764-1770). Em *A chave de casa*, Tatiana Salem Levy arrisca-se nessa aventura que é o jogo autoficcional, quando parte de suas vivências pessoais em direção a uma escrita literária criadora e polifônica: escrever é criar, e criar é viver. Baseando-se em teóricos franceses que discutem a autoficção desde o final do século passado até os dias de hoje – Philippe Lejeune, Serge Doubrovsky, Philippe Gasparini, Vincent Colonna, entre outros -, este trabalho pretende identificar as estratégias autoficcionais presentes no texto de Salem Levy, bem como a maneira peculiar com que a autora maneja tais estratégias e as relaciona com a multiplicidade de vozes narrativas em seu romance.

Palavras-chave: Autoficção. Literatura brasileira contemporânea. Romance polifônico

² Professor Doutor (UFRGS).

FELIZES PARA SEMPRE: UM ESTUDO SOBRE A RECEPÇÃO DAS ADAPTAÇÕES DE CONTOS DE FADAS NO ENSINO FUNDAMENTAL

Profa. Ma. Ana Luisa Feijó Cosme

Profa. Dra. Cláudia Metz Martins (Orientadora)

Resumo: O objetivo deste trabalho é expor como o contato com a adaptação de contos de fadas proporciona que estudantes reflitam sobre os padrões de comportamentos dessas narrativas, relacionando-as com a realidade na qual estão inseridos, baseando-nos na teoria da Estética da Recepção, de Hans Robert Jauss. Segundo Jauss (1994), a obra literária não existe por si só, não podendo oferecer um mesmo aspecto a cada observador em cada época. Assim, aplicou-se uma atividade em uma escola para verificar como seria a recepção dos estudantes diante do conto adaptado. O foco foi recontar o conto “A princesa e o sapo” apresentando um final alternativo através de uma versão encontrada na internet: “A princesa e a rã”. Com a aplicação da atividades, percebeu-se como cada estudante recebeu a obra, verificando que as crianças gostariam que a princesa aceitasse a proposta feita pela rã, obtendo o final feliz esperado pelos contos de fadas clássicos. Enquanto que os adolescentes apontam a recusa da princesa como a atitude ideal, pois não seria correto casar-se com a rã para servir de empregada. Podemos perceber como essa atividade despertou o olhar crítico acerca do que é lido/ouvido, já que os educandos expressaram-se oralmente, refletindo acerca da história.

Palavras-chave: Adaptação. Contos de Fadas. Estética da Recepção.

POEMAS CANTADOS NA OBRA DE ADRIANA CALCANHOTTO

Ana Luiza Martins³

Resumo: Na obra de Adriana Calcanhotto são frequentes os textos que circulam entre o livro e a voz. Analisamos, nesse trabalho, “Sudoeste”, trecho do poema “Buraco negro”, de Jorge Salomão, “O outro”, de Mário de Sá Carneiro, e “*Portrait of Gertrude*”, trecho do poema “*Portrait of Picasso*”, de Gertrude Stein. A partir da leitura de elementos do texto poético, objetivamos verificar de que forma são exploradas as possibilidades semânticas e sonoras do texto ao ser vertido em canção. Verificamos que, em certa medida, poemas vertidos em canções são passíveis de serem assimilados no sentido mais usual do termo: “letra e música em uma forma simples” (VAZ In: VALENTE, 2007, p. 11). No entanto, há textos que envolvem a criação sonora num nível de experimentalismo que dificulta a assimilação da obra como canção. Ao atingirem um grau de complexidade mais intenso, dificultam uma categorização nesse contexto, fazendo-nos recorrer a conceituações mais abrangentes, como a “poesia sonora”. A partir da leitura desses poemas/canções, verificamos que Adriana Calcanhoto faz transitar pelos mesmos espaços elementos poéticos ligados a uma vertente literária mais restrita bem como aspectos relacionados à cultura popular.

Palavras-chave: Poesia. Canção. Poesia Sonora.

³ Mestra em Letras, Unisc.

A CONFUSÃO DO REAL E DO FICCIONAL: ESBOÇO DE UMA LEITURA CRÍTICA PARA O ROMANCE *O IRMÃO ALEMÃO*, DE CHICO BUARQUE

Anderson Trindade Chaves⁴

Resumo: o presente trabalho tem por objetivo propor uma leitura crítica para o romance *O Irmão Alemão*, de Chico Buarque, de modo a problematizar a natureza discursiva de um narrador-protagonista cuja instância enseja a confusão do real e do ficcional numa arquitetura de obra em que os dados biográficos do autor servem como elementos composicionais de fabulação, pois há inclusive a reprodução, em tese real, de documentos e cartas oficiais que parecem legitimar como verdadeira a história narrada. Nesse sentido, resulta pertinente questionar como pela via do pacto ficcional se estabelece um relato sobre o desconhecido que, em última instância, é a sustentação orgânica de toda a narrativa, uma vez que o narrador-protagonista ao sair em busca de seu irmão alemão apresenta para o leitor um universo vago entre os índices da História oficial e a especulação que faz dos fatos. Desse modo, os aspectos desse romance sinalizam uma relação cada vez mais complexa e pouco óbvia no jogo de assimilação do real pelas possibilidades criativas e estéticas da construção ficcional que a literatura permite promover: tendência que tem singularizado a prosa ficcional da cena brasileira contemporânea, conforme a compreensão de muitos estudos críticos sobre o momento literário vigente.

Palavras – chaves: Romance. Literatura brasileira. Contemporâneo.

⁴ Mestrando em Teoria da Literatura. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Contato: andersonchaves2008@hotmail.com

ESSA COISA FASCINANTE, O MEDO

Bibiana Barrios Simionatto⁵

Resumo: o trabalho procura demonstrar as relações do homem e seus medos como forma de impulsão criativa para a literatura. Desde os tempos mais remotos o homem se interessa, consome e transmite lendas que se originaram a partir de diversos agentes agressores, concretos ou ilusórios. Com base nestas afirmações, enumerei os diferentes gêneros literários que se ocuparam de desvendar os temores que assombraram a população em épocas históricas. Sem a intenção de criticar ou debater a respeito dos atributos estéticos de autores e obras, ocupei-me da tarefa de estudar o panorama que propiciou as inspirações para as mais conhecidas histórias, bem como as sensações (conscientes e inconscientes) que as leituras pretendiam desencadear no público que as consumia. Após o fim da Idade Média, num panorama tão efervescente, onde ideias novas se chocaram com antigas crenças e dogmas religiosos, ocorreu extensa profusão artística. Grandes obras foram escritas na época que assistiu ao surgimento de uma nova literatura, voltada para a exploração dos medos e misticismos da população dos grandes centros, a respeito da industrialização, dos progressos da ciência e da medicina, bem como do desconhecido, das lendas trazidas de regiões distantes.

Palavras-chave: Gótico. Terror, Fantástico.

⁵ PUCRS.

PRODUÇÃO E RECEPÇÃO DA LITERATURA MODERNA: *ENOCH SOAMES* SOB A LUZ DE WALTER BENJAMIN

Camila Bozza Montanari⁶
Luana Maria Andretta⁷
Francisco Fianco⁸

Resumo: A criação poética e o espaço reservado ao escritor são tópicos de discussão recorrentes na história da literatura. Na era moderna, descrita pelo filósofo e ensaísta Walter Benjamin sob o olhar de Charles Baudelaire, novas formas de produção e recepção do texto literário consolidaram-se. Nesse contexto, o presente artigo visa à análise do conto *Enoch Soames*, do escritor inglês Max Beerbohm, a partir das concepções teóricas do ensaio *A Paris do Segundo Império em Baudelaire*, de Benjamin. Com base em uma investigação crítica do texto literário em questão, procurou-se compreender como era dado o reconhecimento do poeta e sua obra em meio a um contexto transitório e utilitarista da burguesia europeia. Por meio deste estudo, pôde-se constatar que inúmeros conceitos baudelairianos, analisados por Benjamin, como o satanismo, o pouco prestígio do poeta, a revolta contra o sistema ideológico e literário, o flâneur, a boemia, a própria modernidade, entre outros elementos, confirmam o desejo compartilhado por muitos escritores da época: estar situado, com sua escrita, em um espaço – prestigiado ou não.

Palavras-chave: Charles Baudelaire. Walter Benjamin. *Enoch Soames*.

⁶ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo.

⁷ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo.

⁸ Professor do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo. Doutor em Estética e Filosofia da Cultura.

OCUPAÇÃO DO ESPAÇO EM *FINISTERRA*, DE CARLOS DE OLIVEIRA

Camila Savegnago⁹

Resumo: O texto *Finisterra: paisagem e povoamento*, de Carlos de Oliveira, apesar de ter sido publicado há cerca de quarenta anos e de ser reconhecido como um dos grandes romances da literatura portuguesa contemporânea, ainda é uma ‘pedra no sapato’ da crítica, devido as suas peculiaridades e sua excepcionalidade dentro da história literária portuguesa. Essa narrativa não permite classificações estanques tampouco interpretações globalizantes e seguras de sua significação, já que suas linhas de sentido são fluidas e as tentativas de estabilização provisórias, resultando, assim, em uma atmosfera textual obscura. Há, ao longo do texto, como o próprio título antecipa, a recorrência de dois motes: paisagem e povoamento, os quais nos servirão de guia para a leitura. Por isso, esse estudo propõe o levantamento dos elementos ligados à natureza, ao espaço físico, natural, social, bem como dos elementos envolvidos com o povoamento que recobrem o humano e o animal, seja a família que habita a casa, os peregrinos que caminham em direção ao norte ou ainda os animais que povoam a paisagem. Desse modo, será observado como a malha textual é construída deslindando a íntima ligação entre os seres e os espaços internos e externos que ocupam, tendo como base os estudos de Gaston Bachelard.

Palavras-chave: Narrativa. Espaço. Personagens.

⁹ Doutoranda do Programa de Pós –Graduação em Letras da UFSM.

AS VÁRIAS VERSÕES DE UM MESMO PENSAMENTO

Davi Oliveira Boaventura¹⁰

Resumo: Proposta a partir de um mestrado em Escrita Criativa, experiência pioneira desenvolvida no Brasil pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, esta comunicação tenta discutir os obstáculos na construção literária de um fluxo de consciência, a ser inserido dentro da narrativa contemporânea, que segue, guardadas as devidas proporções, as bases estipuladas por Joyce ao final de seu *Ulysses* (1922). Neste sentido, abordando enquanto substrato principal de análise o processo de escrita e revisão da novela *Mônica Vai Jantar*, ainda inédita, o debate se estende, para além de toda a discussão teórica levantada Cohn (1978), pelas particularidades do monólogo narrado, estilo não tão comum nos limites do gênero, cuja definição, grosso modo, seria a de um fluxo de consciência em terceira pessoa, postulando, em última instância, através de um exame feito a partir das várias versões do manuscrito, uma série de vantagens e desvantagens criadas por esta escolha ficcional, em um diálogo constante com as técnicas de controle textual elencadas por Humphrey (1954).

Palavras-chave: Escrita criativa. Crítica genética. Fluxo de consciência.

¹⁰ Mestre e doutorando em Escrita Criativa na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

A LITERATURA ENTRE O DOCUMENTO E A POESIA: SEBALD E OS LIMITES DO REALISMO

Davi Alexandre Tomm¹¹

Resumo: Em uma das anotações nas suas “Anotações e citações de poética”, o autor alemão W. G. Sebald resume em poucas palavras toda a sua obra: “aproximar intuição poética e documento de tal modo que uma tome a cor do outro”. É notável que a obra o autor seja toda ela um esforço em direção a essa mistura a esse diálogo que busca criar uma união homogênea de modo que nós, à medida que vamos lendo seus livros, mergulhamos em um universo onde o prosaico, biográfico, o documento que marca, de um lado, o seu realismo, está infiltrado pelas pequenas rachaduras do poético, do imaginativo, do fabular fantástico que torna sua obra algo mais do que o mero relato de fatos. Esse trabalho mostrará como essa mistura é o cerne do projeto estético de Sebald em busca de uma “literatura de restituição”, remetendo, por um lado, a um realismo que retoma técnicas do movimento literário do século XIX e também se utiliza das novas técnicas de um realismo contemporâneo (o documental), enquanto, por outro lado, se alinha a tradições literárias conhecidas como o modernismo, e, principalmente, a uma tradição alemã pré-romântica holderliniana, da intuição poética.

Palavras-chaves: Sebald. Realismo. Intuição poética.

¹¹ Doutorando UFRGS.

O RISO DE DEUS: REFLEXÕES SOBRE PROIBIÇÃO E MEDO, LEITURA E CRIAÇÃO, EM 'O NOME DA ROSA', DE UMBERTO ECO

Elisa Moraes Garcia¹²

Resumo: No presente estudo acerca de *O nome da rosa* (1985), de Umberto Eco, proponho a verificação de que a lei divina está compreendida como algo baseado no medo e, neste mesmo sentido, ser temente a Deus significa seguir cegamente uma lei institucionalizada por homens poderosos que souberam, restringindo o acesso ao conhecimento, confundir elevação espiritual com medo, institucionalizando-o. Os objetivos do trabalho são analisar as relações entre proibição, leitura, conhecimento e criação, através de reflexões sobre as práticas de leitura e de interpretação na Idade Média, assim como investigar as correspondências entre a linguagem e seus estudos, observando de que maneira o riso e o medo estão relacionados a isso. A pesquisa nasce a partir de nomes como Aristóteles, Boécio, Santo Agostinho, Tomás de Aquino e Roger Bacon, citados por Eco na narrativa, passando por estudos referentes à História da leitura, uma vez que compreendo a obra analisada como uma história sobre os livros, sobre a leitura e seus efeitos.

Palavras-chave: Riso. Medo. Leitura. Criação.

¹² Universidade Federal do Rio Grande (FURG)

ESSES TRAÇOS VAGABUNDOS DISPOSTOS NO TEXTO COMO SEMENTES

Gisela Rodriguez¹³

Resumo: *Esses traços vagabundos dispostos no texto como sementes* é um ensaio sobre o processo criativo do romance *Breve como tudo*, desenvolvido no mestrado em Escrita Criativa na PUCRS. O ensaio versa sobre a criação autoral a partir dos preceitos de Roland Barthes nas obras *O prazer do texto* e *A preparação do romance*. A ideia primordial é relatar uma jornada pessoal de escrita criativa e a relação do autor com a sua linguagem particular, que é diversa da do leitor ao lê-lo. A intenção, sobretudo, é fazer a ponte entre os conceitos de Barthes sobre a fruição e o fenotexto até a escritura concebida, como uma possibilidade de chegar o mais próximo possível da concepção de “obra de arte” para quem a escreve, em termos de literatura. Trazer a reflexão sobre o caminho para encontrar a novidade dentro da própria escrita, até alcançar a “mudança necessária”, e conseqüentemente chegar na condição de alteração na escritura pessoal. Aludir a mudança de paradigma dentro da própria criação pessoal conforme a ideia da “Vita Nova” de que fala Barthes na *Preparação do romance*.

Palavras-chave: Processo criativo. Literatura. Relatos.

¹³ Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Contato: gicarodriguez@yahoo.com.br

O USO DE PREFÁCIOS COMO TÉCNICA DE CONSTRUÇÃO NARRATIVA

Gustavo Melo Czekster¹⁴

Resumo: Em geral considerados como uma introdução à obra literária que lhes sucede, para muitos escritores os prefácios deixaram uma posição inerte de informações preliminares sobre o livro escrito, como era de praxe no século XIX e início do século XX, e passaram a constituir parte indissolúvel da obra, servindo não somente de guia introdutório como também de uma estratégia narrativa que condiciona a visão e a perspectiva do leitor. Por meio de uma análise comparativa que envolve os prefácios feitos por Charles Dickens, assim como os prefácios escritos por Jorge Luis Borges e Machado de Assis para seus livros, bem como a “nota do autor” que Joseph Conrad realizou para “Nostromo”, e utilizando os mecanismos operatórios do novel campo da Escrita Criativa com o fito de verificar a forma com que uma narrativa se constrói no campo ficcional, procura-se pesquisar a maneira com que ditos prefácios serviram como uma técnica de construção narrativa que, extrapolando os paratextos de acordo com Genette, revela aos leitores as posições pessoais do autor sobre a trama ficcional abordada, em oposição à “morte do autor” preconizada por Barthes, Derrida e Foucault, além de servir como forma de afirmação dos princípios estéticos que norteiam a produção da obra literária e do tempo em que as mesmas foram realizadas.

Palavras chave: Escrita criativa. Prefácios. Estratégia narrativa.

¹⁴ PUC/RS - Doutorando em Escrita Criativa.

A VIDA INFAME E A FORMA-DE-VIDA EM MINEIRINHO DE CLARICE LISPECTOR

Haniel Duarte da Silva¹⁵

Resumo: No texto *Mineirinho*¹⁶, Clarice Lispector aborda a morte de José Miranda Rosa, vulgo Mineirinho. As manchetes dos jornais¹⁷ o descrevem como um dos criminosos mais famosos dos últimos tempos, como facínora, bandido mais temível do Rio de Janeiro. São “notícias”, no sentido que Foucault utiliza a palavra¹⁸, consistindo em relatos rápidos sobre algo que efetivamente aconteceu, condensando a vida real de Mineirinho em poucas frases para o público geral. Agamben irá retomar este texto de Foucault para falar sobre a forma-de-vida¹⁹ e o lugar possível da ética. É neste ponto que se deve atentar para o texto de Clarice Lispector e o terreno que ela diz querer ao final, que se contrapõe à casa já construída onde ela reside e que talvez já não sirva mais, pois talvez este terreno seja o mesmo que a forma-de-vida, tornando-se o lugar possível de uma ética. A pesquisa caminhará, portanto, no sentido de aproximar as reflexões destes três autores em torno da ética possível.

Palavras-chave: Forma-de-vida. Ética. Literatura.

¹⁵ PPG Letras – FURG. Contato: hanielduarte@gmail.com.

¹⁶ LISPECTOR, Clarice. Mineirinho. In: **Todos os contos** / Clarice Lispector. Rio de Janeiro: Rocco, 2016. P. 386-390.

¹⁷ Disponível em <http://www1.uol.com.br/rionosjornais/rj45.htm>. Acesso em 04/06/2018.

¹⁸ Foucault, Michel. A vida dos homens infames. In **Estratégia, poder-saber** / Michel Foucault.:2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. P. 203-222.

¹⁹ AGAMBEN, Giorgio. **Profanações**. São Paulo: Boitempo, 2007. P. 60

AS CARICATURAS GOGOLIANAS EM *ALMAS MORTAS*

Ísis Lopes de Almeida²⁰
Eunice T. Piazza Gai²¹

Resumo: Nikolai Gógol foi um observador perspicaz de sua época e dos homens que a compunham, percebendo-os em seus sutis e insólitos detalhes, naquilo que a existência humana possui de mais primitivo e rasteiro. Entretanto, compreender o autor simplesmente como um “retratista da vida russa” é o mesmo que não compreendê-lo, pois o talento criativo de Gógol mais distorcia a realidade do que a descrevia. Assim, em suas narrativas, surgem imagens grotescas pintadas pelo exagero, tais como as personagens-caricaturas. Ao concebê-las, o autor concentrou-se em determinado detalhe e moldou-o através da desproporção, do exagero descritivo. Em *Almas mortas*, por conseguinte, encontramos um variado leque de caricaturas – o avaro Pliúchkin e o fanfarrão Nozdriov são bons exemplos. Entretanto, por meio de uma leitura hermenêutica da obra e de suas personagens, nossa intenção não é apenas a de elencar as caricaturas presentes no texto, mas sobretudo a de argumentar que tais criações possuem coerência e verossimilhança, ou seja, são figuras expressivas e verdadeiras no contexto narrativo em que estão inseridas. Por fim, como base teórica, utilizamos o estudo realizado por Vladimir Propp sobre as manifestações da comicidade e os textos críticos de Vladimir Nabokov e de Arlete Cavaliere.

Palavras-chave: Comicidade. Literatura russa. Hermenêutica.

²⁰ Mestre em Letras pela UNISC. Contato: isis-lopes@hotmail.com

²¹ Doutora em Letras e Linguística pela PUCRS, docente do PPG em Letras da UNISC. Contato: piazza@unisc.br

A REPRESENTAÇÃO DA EUTANÁSIA NO CONTO “BOA NOITE, MARIA”, DE LYGIA FAGUNDES TELLES

João Pedro Rodrigues Santos²²

RESUMO: Este trabalho apresenta uma reflexão sobre a perspectiva da morte e a condição finita de todos nós, seres humanos. Partindo da ideia de que a inevitabilidade da finitude sempre amedrontou o ser humano, analisou-se como a morte é representada no conto “Boa noite, Maria”, do livro de contos *A noite escura e mais eu*, de autoria de Lygia Fagundes Telles. Neste conto, temos a ficcionalização de uma questão candente, muito debatida em nosso tempo: a eutanásia. Antigamente, o prolongamento da vida, através de equipamentos médicos, não era possível. No conto “Boa noite, Maria”, Telles, ao trazer à baila a discussão sobre a eutanásia, retrata uma situação própria de nosso tempo. A narrativa focaliza a personagem Maria Leonor que descobre ser portadora de uma doença degenerativa e, por conseguinte, deseja finalizar sua vida voluntariamente. Devido à complexidade do tema da morte e da problemática da eutanásia, fez-se necessário adentrar teorias e conceitos de outras disciplinas, tais como: antropologia, filosofia, história, psicanálise e sociologia. Sobretudo, Lygia Fagundes Telles, ao ficcionalizar a finitude, procura penetrar e aprofundar os mistérios da existência humana, convocando seus leitores a embarcarem em narrativas onde morte e vida parecem se amalgamar.

Palavras-chave: Eutanásia. Morte. Literatura.

²² Doutorando em História da Literatura pela Universidade Federal do Rio Grande. Mestre em Teoria da Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

MULHERES E RASURAS: A DESCONTINUIDADE DA PERSONAGEM FEMININA NOS PROTOTEXTOS DE *DONA ANJA* DE JOSUÉ GUIMARÃES

Luana Maria Andretta²³
Miguel Rettenmaier²⁴

Resumo: A leitura de esboços, rascunhos e versões – os prototextos - de livros publicados permite ao pesquisador, pelo viés da Crítica Genética, compreender alguns dos movimentos criativos do escritor ao longo de seu processo de escritura. Esse gesto analítico, muitas vezes, além de explicar a construção de pontos de determinado texto, oferece uma possibilidade de ressignificar a obra tida como final. Nesse contexto, o presente trabalho visa à análise da descontinuidade da construção da personagem feminina em um dos prototextos do livro *Dona Anja*, de Josué Guimarães, resguardados no Acervo Literário Josué Guimarães, da Universidade de Passo Fundo (ALJOG/UPF). Nesta pesquisa, a descontinuidade é compreendida como interrupções de enunciados de uma versão do manuscrito para outra, em quaisquer elementos narrativos, nesse caso, do romance. A investigação desses traços embasa-se nos conceitos teóricos de Pino e Zular (2007), Biasi (2010) e Willemart (2009), bem como na leitura crítico-comparativa do “livrão” – livro de notas e esboços do escritor gaúcho – e da obra publicada. Por meio da observação das rasuras, configuradas em acréscimos ou supressões, pôde-se criar um novo espaço de relações e compreender o perfil e o papel das personagens femininas apresentadas na obra em questão.

Palavras-chave: Crítica Genética. *Dona Anja*. Acervo Literário Josué Guimarães.

²³ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo.

²⁴ Professor do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo. PhD em Filologia.

VIOLÊNCIA E PRECARIEDADE EM *O FILHO DA MÃE*, DE BERNARDO CARVALHO

Lucas Demingos de Oliveira²⁵

Resumo: As últimas décadas atestaram a proliferação de diversas formas de narrativas com a temática trauma e, na esteira dessa produção literária, veio a teorização, que teve impulso nos anos 90 principalmente por meio da obra de Cathy Caruth (1996). Recentemente, iniciou-se uma crítica ao modelo de trauma desenvolvido por Caruth a partir de perspectivas decoloniais por não ser capaz de abarcar as violências diárias, sistemáticas e institucionais infligidas principalmente contra minorias (ROTHBERG, 2008). Apoiado nesse enfoque, investigo questões relativas a trauma, precariedade e vulnerabilidade em *O filho da Mãe* (2009), romance de Bernardo Carvalho. A narrativa apresenta dois contextos de violência presentes na Rússia e na Chechênia: a Segunda Guerra da Chechênia e a homofobia institucionalizada. Com base na articulação entre essas duas formas de violência presentes na narrativa, procuro analisar, principalmente a partir de *Quadros de guerra*, de Judith Butler (2015), como é apresentada a moldura epistemológica que não reconhece como sujeito uma pessoa *queer* e, por conseguinte, não a torna passível de luto; a maximização de precariedade como um modificador de experiências traumáticas e, ainda, a maneira que a vulnerabilidade compartilhada apresenta-se formalmente no romance.

Palavras-chave: Bernardo Carvalho. Precariedade. Ética.

²⁵ Mestrando em Teoria, Crítica e Comparatismo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
Contato: lucasdmingos@gmail.com

BREVE NAVEGAÇÃO DE UMA GATA DE JADE

Luís Alberto dos Santos Paz Filho²⁶

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo analisar o romance *Requiem para o navegador solitário*, de Luís Cardoso, a fim de se observar a constituição metafórica da figura do navegador. Ao se realizar uma brevíssima retrospectiva da imagem das navegações para o cenário mundial - sobretudo para os feitos portugueses -, o trabalho pretende demonstrar de que forma a personagem Catarina é configurada no romance a partir de uma perspectiva subjetivamente compassiva. Atenta-se para a qualidade mutável das identidades no processo de desenvolvimento da narrativa. Avalia-se, também, nessa pesquisa, o cenário histórico-político de Portugal salazarista em relação à sua colônia no Timor, frente à inevitável Segunda Grande Guerra. Sob o ponto de vista do imaginário, a leitura da viagem como atitude de libertação é revisitada na transposição do locus primordial da ação para uma personagem feminina, jovem, do oriente, obrigada (e instigada por si só) a aventurar-se por Díli em busca de seu príncipe encantado e de um encontro finalmente íntimo consigo própria.

Palavras-chave: Navegação. Literatura timorense. Viagem.

²⁶ Mestrando em Teoria da Literatura no Programa de Pós-Graduação em Letras, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

EDUARDO GALEANO E O OFÍCIO DO POETA

Manuela Rodrigues Furtado²⁷

Vitória de Almeida Fonseca²⁸

Resumo: Eduardo Galeano foi jornalista e escritor uruguaio, aclamado e considerado como um dos mais destacados artistas da literatura latino-americana. Seus textos são relatos históricos verídicos contados de maneira lúdica, como se fossem contos de fadas ou lendas folclóricas. Sua poesia é igualmente dotada de uma voz de um sujeito lírico único. O estilo da linguagem do discurso do poeta é inconfundível. Neste trabalho, trazemos trechos de diferentes obras do escritor recheados desses elementos de cultura e de memória, e propomos uma leitura de Eduardo Galeano às lentes de Elias Canetti, da consciência ética que este filósofo defende baseado na significação das palavras e na existência de uma investidura de uma responsabilidade de um poeta. Nos versos e nos pequenos contos de Eduardo Galeano, identificamos uma ética do escrever, da criação de um espaço para o saber, um espaço para que seres humanos vivam suas fantasias e tragédias por meio da metamorfose e da ressignificação das palavras.

Palavras-chave: Literatura. Ética. Poesia.

²⁷ Mestrado – Teoria da Literatura, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS.

²⁸ Mestrado – Escrita Criativa, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS.

O ANIMISMO PRESENTE NA EPOPEIA FINLANDESA *KALEVALA*

Marcos Lampert Varnieri²⁹

Dra. Maria Alzira Leite³⁰

Resumo: Este estudo trata da obra literária *Kalevala* (1849), épico finlandês, com objetivo de demonstrar como alguns de seus elementos (eventos narrativos, personagens, seres mágicos, feitiços) podem ser interpretados por uma teoria animista aplicada ao literário. Cabe destacar que as concepções animistas são estudadas principalmente na antropologia cultural (DESCOLA, 2005), (VIVEIROS DE CASTRO, 2016) e nos estudos da religião (HARVEY, 2015). O *Kalevala* é uma epopeia compilada a partir de antigas baladas, canções líricas e versos oriundos da tradição oral por Elias Lönnrot (1802 – 1884), um pesquisador do folclore finlandês que reuniu os versos em composições próprias criando uma trama única. A identidade nacional dos finlandeses acolheu essa obra romântica na posição de símbolo de sua especificidade cultural. Tratar *Kalevala* como uma obra na qual o animismo está presente segue a tradição crítica dos comentaristas finlandeses, bem como o integra aos estudos literários no âmbito do insólito, do fantástico e do maravilhoso. O estudo da epopeia vem contribuir para a difusão das pesquisas de literatura finlandesa ao pôr em relevo os temas animistas e xamânicos que integram os episódios protagonizados pelos heróis das terras frias do Norte: Väinämöinen, Lemminkäinen, Ilmarinen, Kullervo e Louhi. Väinämöinen como xamã tem especial participação no ritual da caça ao urso, canto da epopeia aqui analisado.

Palavras-chave: Kalevala. Animismo. Xamanismo.

²⁹ Laureate International Universities UniRitter.

³⁰ Orientadora. Laureate International Universities UniRitter.

**DA NARRAÇÃO PROPOSITADAMENTE PERVERTIDA: VOZES
EMBARALHADAS EM *ATÉ QUE AS PEDRAS SE TORNEM MAIS LEVES
QUE A ÁGUA*, DE ANTÓNIO LOBO ANTUNES**

Paulo Ricardo Kralik Angelini³¹

Resumo: A guerra parece ser um tema bastante caro a António Lobo Antunes, totem gigantesco da literatura portuguesa. Suas primeiras obras traziam como espaço – físico e especialmente psicológico – a África então colônia e os conflitos que justamente assentavam-se numa esfera ‘quase inventada’, como nos avisa o narrador de *Os cus de Judas*, posto que construída em alicerces tão frágeis quanto improváveis. Quase quarenta anos depois, o autor retoma a temática e apresenta *Até que as pedras se tornem mais leves que a água*. Aqui, o mesmo tom onírico se faz presente, no embate entre dois sobreviventes de uma guerra. O enevoado da narrativa recupera, predominantemente a partir de dois pontos de vista, mais do que o combate em Angola, os conflitos de um soldado e seu filho trazido da África. Pai e filho compõem uma simbiose dissonante, porque carregada de vínculos opostamente construídos. É o que este trabalho pretende investigar: o projeto narrativo percebido neste romance, a partir de autores como Genette, Brian Richardson, Wayne Booth, Paul Ricoeur, entre outros.

Palavras-chave: Literatura portuguesa. Narrador. António Lobo Antunes.

³¹ Doutor em Literaturas em Língua Portuguesa pela UFRGS/Universidade de Lisboa, é professor adjunto da Escola de Humanidades da PUCRS.

PERSPECTIVAS DO AUTOR

Raquel Trentin Oliveira³²

RESUMO: Ao escrever narrativas ficcionais, inevitavelmente, o autor projeta no texto uma imagem de si. Ao ler narrativas ficcionais, inevitavelmente, o leitor elabora uma imagem do autor. Wayne Booth, em sua *Retórica da ficção* (1961/1980), problematiza certas dicotomias e preferências da teoria literária, assim como certas tendências do romance moderno, as quais, de um modo ou de outro, defenderam a objetividade ou a impessoalidade do autor, exigindo a eliminação de sinais distintivos de sua presença no texto, forçando um apagamento impossível: “o juízo do autor está sempre presente, é sempre evidente a quem saiba procurá-lo”; e, embora possa “escolher os seus disfarces, não pode nunca optar por desaparecer” (1980, p.38) O mais natural é que o narrador seja o porta-voz do autor e sugira isso mais ou menos explicitamente pela forma de se posicionar ideologicamente ou apresentar personagens e eventos. Como fica, no entanto, quando a sua perspectiva deve ser recebida como outra, a face invertida, o próprio alvo da crítica do autor? Retomando aspectos teóricos referentes à perspectiva narrativa, esta intervenção pretende refletir sobre a perspectiva do autor, em correlação com a perspectiva do narrador, das personagens e do leitor.

Palavras-chave: Perspectiva narrativa. Autor. Narrador. Personagem. Leitor.

³² UFSM

“TUDO O QUE SE AJUNTA ESPALHA”: O DUPLO EM “CONVERSA DE BOIS”, DE GUIMARÃES ROSA

Roberto Rossi Menegotto³³
João Claudio Arendt³⁴

Resumo: Em “Conversa de bois”, oitavo conto de *Sagarana*, de Guimarães Rosa, percebe-se a ocorrência do fenômeno do duplo: uma instabilidade do Eu que acarreta no surgimento de uma representação corpórea com as características inversas de um personagem. O Outro de Tiãozinho surge, gradativamente, ao longo da narrativa, na figura dos bois que puxam a carroça de Agenor Soronho. O objetivo deste artigo é investigar como ocorre esse processo e analisar as etapas que culminam no duplo. O amparo bibliográfico buscado é oriundo dos Estudos Literários, com autores como Antonio Candido (1989), Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (2017), Walnice Nogueira Galvão (2008), Ana Maria Lisboa de Mello (2000), Mônica Meyer (2008), Otto Rank (2013), David Roas (2014), Clément Rosset (1976) e Irene Gilberto Simões (1998).

Palavras-chave: “Conversa de bois”. Guimarães Rosa. Duplo.

³³ Bolsista PROSUC/CAPES no Programa de Doutorado em Letras – Associação Ampla UCS/UniRitter. Mestre em Letras, Cultura e Regionalidade pela Universidade de Caxias do Sul.

³⁴ Universidade de Caxias do Sul.

A INFLUÊNCIA DA PESQUISA SOBRE O ARQUÉTIPO DA “RELAÇÃO MÃE E FILHA ADULTAS” NA LITERATURA PARA A CONSTRUÇÃO DAS PERSONAGENS NO ROMANCE INÉDITO *AS DONAS DA TRAMA*.

Rochele Cristine Bagatini³⁵

Resumo: A partir da escritura do romance inédito *As Donas da trama*, entrelaço um ensaio que aborda duas vertentes do feminino e ajudaram na construção da obra: o desenvolvimento das protagonistas femininas por uma autora mulher; e a construção literária do arquétipo da “relação mãe e filha adultas”. Com base nos romances ficcionais *Um amor incômodo*, de Elena Ferrante, e *Uma Duas* de Eliane Brum, e dos romances autobiográficos *Uma morte serena*, de Simone de Beauvoir, e *Eu & Mamãe & Eu*, de Maya Angelou, analiso os conflitos oriundos desta relação peculiar que ultrapassa o estereótipo, como diz a psicanalista Malvine Zalcberg, “a relação não é entre uma pessoa que é mãe e outra que é filha, mas entre duas posições do sujeito mulher, tanto no lugar da filha, em face de sua mãe, quando no lugar da mãe que poderá vir a ser, o que inclui necessária e estruturalmente as vicissitudes de sua experiência de filha”. O trabalho explora como o estudo da estrutura, relação entre as personagens mãe e filha no recorte literário proposto, ajudou no desenvolvimento das protagonistas do romance ficcional do qual sou autora.

Palavras-chave: Escrita Criativa. Literatura brasileira. Literatura feminina.

³⁵ Mestranda em Escrita Criativa pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS, Escola de Humanidades/Letras. Graduada em Publicidade e Propaganda UFRGS.

A EXPERIÊNCIA DO FORA EM A CHAVE DE CASA, DE TATIANA LEVY

Rodrigo Gonçalves Lima³⁶

Resumo: A literatura não está a serviço do mundo real; vem para fundar um mundo outro – eis sua condição. “A literatura não é a explicação do mundo, mas a possibilidade de vivenciar o outro do mundo” (LEVY, 2011, pág. 27). Para Maurice Blanchot (2011), a relação entre o real e o literário é concebida através daquilo que pode ser chamado de *experiência do fora*. A literatura é o movimento de *desdobramento* dentro do próprio mundo, um mundo outro dentro do mundo, sendo esse movimento o evocador do outro de todos os mundos: o *fora*. Portanto, falar da *experiência do fora* é falar sobre a experiência da própria literatura. A escritora Tatiana Levy publicou, em 2007, *A chave de casa* e, em 2011, *A experiência do fora: Blanchot, Foucault, Deleuze* – obra fruto de seus estudos de doutorado, publicados em 2003. A proposta deste artigo é demonstrar a articulação entre esses dois livros tendo por base a mesma bibliografia utilizada pela autora: considerando-se a aproximação de seu horizonte de escritura com os conceitos mobilizados em sua tese, é possível argumentar que Levy “pratica” sua proposta literária dentro do engajamento colocado por seu trabalho acadêmico, qual seja, o engajamento com a linguagem.

Palavras-chave: Tatiana Levy. Maurice Blanchot. O *fora*.

³⁶ Mestrando em Teoria, Crítica e Comparatismo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Contato: rglima_@hotmail.com.

A METAMORFOSE DO GÊNERO CRÔNICA E SUA NOVA TONALIDADE

Roseli Fátima Wegner³⁷

Resumo: Este artigo visa a apresentar o gênero crônica e sua transformação, especialmente nas últimas décadas. Partimos da análise de Antônio Cândido que descreve a categoria como um gênero menor, considerando impossível que os respectivos autores afixem lugar de destaque no cenário literário (CÂNDIDO, 1992). Entretanto, um fato histórico se contrapõe ao prognóstico do renomado crítico: a autora Svetlana Aleksievitch, no ano de 2015, foi condecorada com o prêmio Nobel de Literatura, sendo que a sua obra é composta essencialmente por livros de crônicas, tais como, *O fim do homem soviético* (2013) e *Vozes de Tchernóbil: crônica do futuro* (1997). Esse último título foi elaborado a partir de mais de quinhentas entrevistas realizadas com testemunhas da catástrofe nuclear ocorrida em 1986 na Ucrânia. Nesse trabalho, enfatizaremos, portanto, alicerçados em teóricos como Moisés (1995), Coutinho (2003) e Cândido (1992), já citado, as características substanciais do gênero em tela, bem como as inevitáveis transformações que levaram à culminância com o prêmio Nobel de Literatura.

Palavras-chave: Crônicas. Transformação. Prêmio Nobel.

³⁷ Formada em Letras- Português Inglês pela Unisc - Universidade de Santa Cruz do Sul. Docência nas disciplinas de Português Literatura e Inglês no Ensino Médio e Fundamental.

APONTAMENTOS SOBRE A MEMÓRIA EM *O AMOR DOS HOMENS AVULSOS*, DE VICTOR HERINGER

Samla Borges Canilha³⁸

Resumo: Um homem, Camilo, relembra a infância para narrar seu primeiro amor. *O amor dos homens avulsos* (2016) é, portanto, um romance de memória. Tocando em diversos temas – sendo a homossexualidade dos protagonistas apenas mais um deles -, tem-se, nesta narrativa do escritor brasileiro Victor Heringer, um narrador que reconstrói a própria história deixando entrever diversos elementos do processo memorialístico. Por isso, neste trabalho, procuro analisar como se dá a reconstrução do passado a partir da teoria da memória e da teoria da literatura, esta principalmente no que tange à voz narrativa. O que se pode perceber é que Camilo, ao retomar sua relação com Cosme, acaba projetando o passado em seu presente, mostrando-se, assim, ainda preso àquele. Tem-se, dessa forma, uma narração que, através de uma linguagem aparentemente muito objetiva, embeleza, até certo ponto, um relacionamento que, assim com o meio em que se desenrola – o subúrbio carioca no Brasil ditatorial da década de 1970 -, é, em realidade, atravessado pela violência.

Palavras-chave: Memória. Literatura brasileira contemporânea. *O amor dos homens avulsos*.

³⁸ Doutoranda em Teoria da Literatura (PUCRS). Contato: samlaaborges@gmail.com

UMA ONTOLOGIA DA LITERATURA

Samuel Henrique Machado³⁹

Resumo: Esta comunicação discorre sobre algumas das principais reflexões de Heidegger, em diálogo com Barthes, Sartre e Compagnon, quanto ao significado ontológico (i.e., a indagação preocupada com o Ser ou natureza de) da linguagem. O propósito é demonstrar, num primeiro momento, que os significantes literários são representações no reino da linguagem essencial, pois detêm o poder de nomear o real em seu modo mais puro. Ao fazê-lo, põem autor e leitor em íntima relação com a obra, num âmbito expressivo de experimentação e desvelamento ontológicos. Nesse sentido, propõe-se discutir a hipótese de que a linguagem literária, em sua substancialidade, preserva uma força transformadora e (re)ordenadora do *ethos* humano. Ou seja, objetiva-se demonstrar que a literatura – tomando, aqui, como objeto de análise e exemplificação, *O estrangeiro* (1942) de Camus – é altamente significativa no modo como se configuram respostas legítimas ao ser-no-mundo do homem, tal como o são a ciência e a filosofia. Estas últimas, contudo, em seus limites linguísticos, ainda que esclarecedoras, não são suficientes para pensar possibilidades de alento à existência humana, cabendo à literatura, portanto, uma atuação *sui generis* neste lugar imprescindível.

Palavras-chave: Heidegger. Literatura. Ontologia. *Ethos*.

³⁹ Aluno do Programa de Pós-Graduação em Letras Mestrado e Doutorado, da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), bolsista (taxa) CAPES/PROSUC.

“SER LIVRE E LIBERTO COMO UMA ASA”: O SONHO DE VOO NA POESIA DE MARIO QUINTANA

Taiane Basgalupp de Vargas⁴⁰

Resumo: Luz, heroísmo, ascensão, asa, movimento: tempo. A conciliação dessa simbologia com o elemento Ar perfaz a poética de Mario Quintana, instituindo, em seu âmbito, um universo onírico, que nasce sob uma vontade de transcendência diante da não aceitação do fluxo temporal. Nesse sentido, este trabalho intentar mostrar o poder da imaginação dinâmica na luta contra o Tempo – numa trilogia de obras produzidas num intervalo de dez anos: *Apontamentos de história sobrenatural* (1976), *Esconderijos do tempo* (1980) e *Baú de espantos* (1986). A exegese dessa produção compreende as relações com tal entidade e sua força devastadora, sob o foco dos estudos do Imaginário. Dentro dessa perspectiva, aponta-se a imagem primordial do Ar como potência que rege o imaginário do poeta e corrobora, assim, para o desejo de ultrapassar as condições de contingência e finitude do homem na própria senda do devir. O sonho de voo e ascensão justificam a vontade de imaginar presente em Mario Quintana: o sonhador aéreo.

Palavras –chave: Imaginário. Ar. Mario Quintana

⁴⁰ Doutoranda FURG.

O PASSADO COMO SOM, O PRESENTE COMO FÚRIA: UMA ANÁLISE ESPAÇO-TEMPORAL DE QUENTIN COMPSON EM *THE SOUND AND THE FURY*, DE WILLIAM FAULKNER

Yasmim Naif Amin Mahmud Kader⁴¹

O tempo em William Faulkner é quase uma entidade personificada: é personagem, é enredo; e pode ser tudo, menos *apenas* “tempo”. As personagens, querendo ou não, estão sempre permeadas por essa questão, obcecadas com ele [o tempo], em um paradoxo entre temê-lo ou idolatrá-lo (mesmo que ele as destrua). Nas obras de Faulkner, o tempo é *ser* — e não apenas um mecanismo da condição humana ou mundana. Mas para consagrar o tempo nos trabalhos do autor, é também preciso pensar no espaço que essa temática habita, no contexto que as personagens ocupam. Desse modo, o presente trabalho tem por intuito discutir as questões referentes ao tempo-espaço na perspectiva de Quentin Compson, narrador do segundo capítulo de *The Sound and the fury* (1929), buscando dissertar sobre a incapacidade do personagem de encarar o presente e só ver significado no passado. A discussão será embasada pelas teorias de Bahkhtin (2014), referente ao espaço-tempo, e as discussões de Sartre (1966) e Pouillon (1966), sobre o aspecto temporal específico nos livros de William Faulkner.

Palavras-chave: Tempo. Espaço. Passado.

⁴¹ Mestranda em Estudos Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria.